

NADINE GORDIMER

# Beethoven era 1/16 negro

*E outros contos*

*Tradução*  
Beth Vieira



Copyright desta coletânea © 2007 by Nadine Gordimer  
Copyright dos contos © 2004, 2005, 2006, 2007 by Nadine Gordimer; 2002, 2004 by Felix  
Licensing BV  
Venda exclusiva no Brasil

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que  
entrou em vigor no Brasil em 2009*

*Título original*

Beethoven was one-sixteenth black and other stories

*Capa*

Mariana Newlands

*Foto de capa*

© Philadelphia Museum of Art/ Corbis/ LatinStock

*Preparação*

Cláudia Cantarin

*Revisão*

Huendel Viana

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Gordimer, Nadine, 1923-

Beethoven era 1/16 negro : e outros contos / Nadine  
Gordimer ; tradução Beth Vieira. — São Paulo : Companhia das  
Letras, 2009.

Título original: Beethoven was one-sixteenth black and  
other stories.

ISBN 978-85-359-1582-2

1. Ficção inglesa — Escritores sul-africanos 1. Título.

---

09-11570

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sul-africana em inglês 823

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

REINHOLD

2007

# Sumário

Beethoven era 1/16 negro, 9	
Solitária, 23	
Sonhando com os mortos, 29	
Uma mulher frívola, 44	
Gregor, 54	
Procedimentos de segurança, 60	
Língua materna, 67	
<i>Allesverloren</i> , 77	
História, 92	
Uma beneficiária, 99	
Finais alternativos, 121	
O primeiro sentido, 125	
O segundo sentido, 138	
O terceiro sentido, 150	

# Beethoven era 1/16 negro

Beethoven era 1/16 negro

anuncia o apresentador de rádio de um programa de música clássica, juntamente com o nome dos músicos que serão ouvidos nos Quartetos para Cordas nº 13, op. 130, e nº 16, op. 135.

O apresentador declara isso como reparação a Beethoven? Sua voz e cadência o entregam como irremediavelmente branco. Será que 1/16 é o tácito desejo dele mesmo.

Houve tempo em que tinha negro querendo ser branco.

Agora tem branco querendo ser negro.

O segredo é o mesmo.

Frederick Morris (claro que esse não é o nome dele, logo você vai perceber que escrevo sobre mim, um homem com as mesmas iniciais) é um acadêmico que dá aula de biologia e que na época do *apartheid* era ativista e entre outras embromações um cartunista amador de certo talento, que desenhava cartazes re-

tratando os líderes do regime como os assassinos impiedosos que eram de fato e, mais intrépido ainda, se juntava a outras pessoas para colar os cartazes nos muros da cidade. Na universidade, na era do novo milênio, não é um dos que o corpo estudantil (uma alta nas matrículas robustamente negras, que ele aprova) aponta como especialmente censurável durante os protestos contra a velha turma de brancos que inibe a transformação de um clube de campo intelectual em uma instituição não racial com maioria negra (fala politicamente correta). Os estudantes também não dão muito valor ao apoio de brancos como ele, dissidente do que é tido como o outro, o corpo embecado. Não se pode apoiar o outro. É esse o raciocínio? A história nunca acaba; assim como a biologia que funciona em cada ser.

Um dezesseis avos. Esse pingo por acaso parece suficiente para ser afirmado fora de contexto? O que importa uma distante linhagem de sangue na gênese de um gênio? Depois tem Púchkin, se quiser; sua afirmação é substancial, olhe para o frisado do cabelo — não é nenhum branco ou branca na moda, com um halo afro na cabeça, e veio, diz-se, da Etiópia.

Talvez porque esteja ficando mais velho — Morris não sabe que ainda é jovem o bastante para pensar que cinquenta e dois é velho —, ocasionalmente reflete sobre o que viveu em sua linha de vida anterior. Divorciado pela segunda vez; isso é igualmente passado, ainda que mais imediato. Seu pai também não fora um grande sucesso como homem de família. Família: o bisavô, morto muito antes do nascimento do garoto — lá está ele, um belo homem, alguém numa foto numa moldura oval, traços fortes que ninguém herdou. Há histórias sobre esse ancestral, provavelmente narradas em reuniões familiares que um garoto impaciente para deixar a mesa dos adultos mal ouvia. Anedotas que não constam do livro de história que se tem de aprender de cor. O que se poderia chamar de reconhecimento divertido de aven-

turas, circunstâncias encaradas de frente, bons tempos, numa época que outros teriam chamado de muito ruim, personagens — não se faz mais ninguém assim hoje em dia — sob a forma de inimigos aprontando tramoias, ou de forças com quem nos unimos como companhias de verdade. Nada de fatos que tenham saído de um livro de história: relatos de quem cuida dos próprios negócios em meio aos efeitos colaterais da história. Ele foi uma espécie de homem fronteiroço, não na mixórdia militar-colonial, e sim na dos caça-fortunas.

Descendente da linha masculina, Frederick Morris traz o mesmo sobrenome, claro. Walter Benjamin Morris pelo visto sempre foi chamado de Ben, quem sabe porque tenha sido de fato o Benjamin da ninhada de irmãos que não emigraram, como ele, para a África. Ninguém pelo visto sabe por que ele o fez; apenas um desejo de aventura, ou quem sabe a ambição de ficar rico que não parecia alcançável em outro lugar qualquer que não fosse Alhures. Ele podia ter optado por Yukon. Em Londres, estava preparado para herdar a delicatessen de Hampstead, para vê-la forrada de presuntos e pickles, enquanto gerenciava uma outra, de um páter-famílias, nome esquecido. Era casado havia apenas um ano quando partiu. Deve ter convencido a jovem mulher de que o futuro deles dependia de sua partida em busca dos recém-descobertos diamantes num lugar longínquo chamado Kimberley, de onde voltaria rico em breve. Como uma espécie de adeus garantindo o amor entre ambos, deixou dentro dela o filho que iria nascer.

Frederick surpreende a mãe perguntando se ela por acaso tinha guardado uma pasta executiva — na verdade uma valise preta surrada — onde uma vez o pai tinha lhe dito que havia coisas sobre a família que eles deviam rever qualquer dia; ambos se esqueceram do encontro, o pai morreu antes que esse dia viesse. Frederick não tinha muita esperança de que a mãe houvesse

guardado a pasta ao se mudar do que era seu lar de casada e se desfazer de objetos para os quais não havia espaço, nenhum lugar na vida que iria levar num trecho ajardinado de bangalôs elegantes desenhados por arquitetos contemporâneos. Havia algumas coisas num depósito comunitário a que todos os moradores tinham acesso. Ali, encontrou a pasta e, agachado entre os detritos do passado, soprou as traças das cartas e anotações esparsas e copiou os fatos mencionados acima. Há também fotografias montadas em madeira muito dura para seja qual for o nome que tem o maxilar das traças, e essas levou consigo, não achou que a mãe se interessaria o suficiente para ter de informá-la. Há um retrato numa moldura elaborada.

O bisavô tem a mesma postura em todas as fotos, esteja ele sozinho com o fotógrafo, ao lado de uma palmeira de estúdio ou entre montes de terra mágica, as peneiras que iriam peneirar da terra as pedras brutas que são os diamantes em sua forma primitiva, negros impassíveis e mestiços encostados nas pás. Garimpeiros de Londres, Paris e Berlim — de qualquer lugar onde não há diamantes — não se apressavam em reivindicar concessões quando o juiz da largada disparava seu revólver, os homens contratados pertencentes à terra que eles controlavam eram mais rápidos que qualquer branco, faziam a reivindicação em nome dos estrangeiros e empunhavam pás e picaretas nas concessões de mineração marcadas a céu aberto. Até quando Ben Morris é fotografado num bar improvisado e lotado, seu corpo, os tendões do pescoço, a cabeça erguida bem no alto, como se tivesse parado tão imovelmente confiante — do quê? (As anotações revelam que ele escavou apenas umas poucas pedras. Quilates desprezíveis.) De virilidade. Isso é inegável, isso não foi tocado pelos caprichos do destino. Outros na foto foram subjugados e dilapidados pela falta de sorte. A aura de virilidade sexual na atitude calma, os olhos escuros, brilhantes, sempre atentos, con-



vidativos: um chamado ao outro sexo, bem como aos diamantes fugidios. As mulheres devem tê-lo escutado e lido de um jeito que os outros homens não podiam e não conseguiam. As datas nos papéis delicadamente rendados por insetos mostram que ele não voltou de pronto, que ele garimpou com fé obstinada em sua busca e em si mesmo por mais cinco anos.

Não voltou para Londres, para a jovem mulher, viu o filho apenas uma vez, numa única visita, quando engravidou a jovem e voltou a partir. Não fez fortuna; mas deve ter aos poucos acumulado algum lucro com as pequenas pedras que os negros desenterraram da terra para ele, porque depois de cinco anos tudo indica que voltou a Londres e usou seu conhecimento recém-adquirido das pedras brutas para se estabelecer no negócio de gemas, com ligações em Amsterdã.

O bisavô nunca voltou à África. A mãe de Frederick pôde ao menos confirmar isso, tendo em vista o interesse do filho. Os membros tardios da família do velho — sua fertilidade produziu mais filhos e Frederick descende de um deles — vieram por outros motivos, vieram como médicos e advogados, empresários, malandros e animadores, e entraram no nível social que os lucros retirados da terra por rápidos prospectores de diamante e ouro proporcionavam a quem viera de além-mar, um outro tipo de Alhures.

E essa é outra história. Você não é responsável pelos seus ancestrais, certo?

Mas se é assim, por que marchar debaixo de faixas cheias de slogans, ser espancado pela polícia, ser detido algumas vezes; colar cartazes subversivos nos muros. Isso também é passado. O passado só é válido se o presente o reconhece.

Como foi que aquele homem bonito, de olhar convidativo, um leve adejar característico das narinas, como se atrás de algum aroma tentador (em todas as fotos), as mãos fortes preenchedas

com uma montoeira de anéis (nunca pôs a mão numa pá) espar-  
ramadas sobre as coxas vestidas com calça justa, viveu sem sua  
bonita companheira de Londres por tantas noites de garimpo?  
E nas manhãs de domingo, quando você acorda sozinho e não  
precisa levantar para educar as alunas nos fatos biológicos da  
vida por trás de traquinagens encamisadas — até mesmo um ga-  
rimpeiro de diamantes deve ter ficado mais um tempo na cama  
de campanha, aos domingos, consciente das ondas de desejo e  
mulher nenhuma a quem recorrer. Cinco anos. Impossível que  
um homem tão obviamente saudável quanto ele passasse cinco  
anos sem fazer amor, descontada a rápida passagem pela cama  
conjugal. Pouco importa a implicação física; é muito triste. Mas  
é claro que não foi assim. Claro que ele não precisou escrever à  
jovem mulher para confessar que estava tendo um caso — isso é  
passado, não o protocolo sofisticado da liberdade sexual reinante  
nos subúrbios chiques, inimaginavelmente improvisado, bruto  
como os diamantes. Havia aquelas moças negras que vinham  
buscar as roupas dos garimpeiros para lavar (duas como pano de  
fundo de uma foto onde, de peito nu, um homem de punhos  
cerrados, curvado, trava uma falsa luta com um companheiro de  
barriga mole, no dormitório), e ambas (duas de café, uma de lei-  
te, era a descrição da época para as mestiças) junto ao rapaz da  
barraca-bar, fotografado sorrindo, carregando bem no alto duas  
bandejas de copos. Será que foram muitas, as moças como essas,  
durante os anos de noites e dias de privação. Ou haveria uma  
especial, várias especiais, não há circunstâncias cruas, o próprio  
Frederick sabe disso, onde não exista a possibilidade de a ternura  
entrar sem ser convidada na simples necessidade de foder. E as  
moças. O que acontecia com as moças se na precisão do homem  
houvesse a concepção. Os estrangeiros que apareciam atrás dos  
diamantes iam e vinham, a vida real deles com as mulheres esta-  
va Alhures, intacta bem lá longe. O que acontecia? Existem filhos